



UNIVERSIDADE DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO
CENTRO DE EDUCAÇÃO E HUMANIDADES
INSTITUTO DE APLICAÇÃO FERNANDO RODRIGUES DA SILVEIRA

Disciplinas: Língua Portuguesa e Literatura
Turmas: 2A, 2B e 2D

Coord.: Lucas Matos
Profs: Adriana Gonçalves, Carlos Henrique Fonseca e Fernanda D'Oliveira

TESTE INTEGRADO

Alun : _____ nº: _____ t.: _____ Data: ___/___/___ Valor: 4,0 Nota: _____

Instruções:

O teste deve ser feito em dupla e com consulta, exclusivamente, das apostilas ao longo de dois tempos de aula. Confiem vocês e bom teste!

Texto 1: Cais do Valongo é o útero do país

O maior porto escravagista da história da humanidade fica no Brasil. Isso explica do superfaturamento em obras aos assassinatos de posseiros no Pará.

Dodô Azevedo

Quase ninguém parece ter entendido ainda a exata dimensão da importância do Cais do Valongo, agora finalmente declarado Patrimônio da Humanidade pela Unesco. Desde descoberto, não é exagero dizer que o Cais do Valongo passa a ser o lugar mais importante do Brasil.

Quanto teóricos quiseram e querem entender, até hoje, por que nosso país “não dá certo”? Quanto artigos, quantas palavras gastas para tentar entender a violência de nosso cotidiano, a corrupção em nossa cultura?

Todas as respostas estão no Cais do Valongo. Na frase do antropólogo Milton Guran: “O maior porto escravagista da história da humanidade.” Um milhão de pessoas, trazidas da África para cá, entre 1811 e 1843. Proporcionalmente, comparando com os índices demográficos daquela época e hoje, um número atualizado de 12 milhões. Os que já chegavam mortos eram enterrados de qualquer jeito ali mesmo; um enterro sanitário no chamado “Cemitério dos Pretos Novos”.

O maior porto escravagista da história da humanidade fica no Brasil. Isso explica desde o superfaturamento em obras aos assassinatos de posseiros no Pará. Desde a chacina do Carandiru ao apoio da classe média ao regime militar e a recente popularidade do conservadorismo. O maior porto escravagista da história da humanidade fica no Brasil.

A tragédia humanitária do Cais do Valongo também explica, num piscar, outro “insolúvel mistério” que tem exigido ginástica de nossos intelectuais. O de sermos “o país da impunidade”. Em Berlim, turistas fazem fotos ao lado do Memorial do Holocausto. A imensa maioria dos nazistas foi identificada e punida. E o povo alemão morre de vergonha de seu passado.

E os responsáveis pelo holocausto brasileiro? Onde estão? No Jockey Club, aplaudindo o cavalo vencedor no Grande Prêmio Brasil? Superfaturando obras no metrô? Lucrando com religiões que cobram dízimo? (A Igreja Católica, espécie de Igreja Evangélica do século XIX, foi condescendente com toda a escravidão no Brasil.) Orgulhando o país, por sua fortuna, espírito empreendedor e determinação em acabar com cracolândias a qualquer custo, nem que seja em enterros sanitários?

E as vítimas (e seus descendentes) do holocausto brasileiro? Onde estão? Lutando por cotas em universidades? Batalhando vaga de titular na seleção de futebol? Vendendo bala no trânsito? Fazendo bico de avião do tráfico? Tendo seus cinco minutos de fama durante a transmissão do desfile das escolas de samba? Apodrecendo em cadeias superlotadas? Nas madrugadas pelo Brasil, fumando crack em lugares como o próprio Cais do Valongo, como já flagrado pelas câmeras de TV? Sendo aleijadas por balas perdidas dentro do útero da própria mãe? Onde estão os “pretos novos”?

O Cais do Valongo é a resposta. Para tudo. Até para a também indecifrável apatia de nosso povo. E, por isso, deveria imediatamente transformar-se no epicentro do país. Congresso Nacional, Palácio do Planalto, tudo deveria mudar-se para o entorno do cais. O Valongo deveria se transformar em um lugar de reflexão, até porque, por ser também nosso mais fiel espelho, nos reflete. O Valongo deveria transformar-se na nossa Mesquita de Al-Aqsa, no nosso Muro das Lamentações, no nosso Stonehenge. Nossa Acrópole. Nossa Persépolis. Nosso Memorial da Paz de Hiroshima. Nosso Ground Zero.

O Cais do Valongo é a resposta para tudo porque é onde nosso país foi gestado. É onde nosso umbigo está conectado. O Cais do Valongo é o útero do Brasil. Um útero de pedra, sangue e rotina.

1. O artigo de opinião '*Cais do Valongo é o útero do país*' é de 2017, ano em que o Cais do Valongo foi declarado Patrimônio da Humanidade pela Unesco. Apesar de ser um artigo de sete anos atrás, apresenta questões fundamentais para compreendermos a nossa sociedade atual. Diante disso, responda:

a) No *lead*, lê-se: *O maior porto escravagista da história da humanidade fica no Brasil. Isso explica do superfaturamento em obras aos assassinatos de posseiros no Pará.*

A partir da leitura deste trecho, **explique** a importância comunicativa do *lead* para o gênero artigo de opinião. Em seguida, **aponte** a relação deste *lead* com o posicionamento do autor acerca do tema. (0,5)

b) **Aponte** a que o termo "isso" se refere. Em seguida, **explique** sua função para a construção da coesão do texto. (0,25)

2. Leia o trecho a seguir e responda às questões a seguir:

Todas as respostas estão no Cais do Valongo. Na frase do antropólogo Milton Guran: "O maior porto escravagista da história da humanidade." Um milhão de pessoas, trazidas da África para cá, entre 1811 e 1843. Proporcionalmente, comparando com os índices demográficos daquela época e hoje, um número atualizado de 12 milhões. Os que já chegavam mortos eram enterrados de qualquer jeito ali mesmo; um enterro sanitário no chamado "Cemitério dos Pretos Novos".

a) A sentença "*O maior porto escravagista da história da humanidade*" é repetida no 3º e 4º parágrafos do texto. Considerando isso, **explique** qual a sua função para a construção da argumentação do texto, bem como para a sustentação do posicionamento do autor. (0,25)

b) **Identifique** o sintagma nominal que exerce a função sintática de sujeito - "*Os que já chegavam mortos eram enterrados de qualquer jeito ali mesmo*". Em seguida, **classifique** sintaticamente o sujeito. (0,25)

3. Considerando o fragmento a seguir em que o autor conclui o sua reflexão sobre o tema, responda as questões a seguir:

O Cais do Valongo é a resposta. Para tudo. Até para a também indecifrável apatia de nosso povo. E, por isso, deveria imediatamente transformar-se no epicentro do país. Congresso Nacional, Palácio do Planalto, tudo deveria mudar-se para o entorno do cais. O Valongo deveria se transformar em um lugar de reflexão, até porque, por ser também nosso mais fiel espelho, nos reflete. O Valongo deveria transformar-se na nossa Mesquita de Al-Aqsa, no nosso Muro das Lamentações, no nosso Stonehenge. Nossa Acrópole. Nossa Persépolis. Nosso Memorial da Paz de Hiroshima. Nosso Ground Zero.

a) Há, no excerto acima, dois usos do termo "tudo". **Aponte** a(s) qual(is) expressões eles se referem. Em seguida, **reescreva** a oração "tudo deveria mudar-se para o entorno do cais", **substituindo o termo "tudo" pelos seus referentes**. Faça as mudanças necessárias, considerando a mudança do sujeito na oração. (0,25)

b) Nas sentenças *Tudo deveria mudar-se para o entorno do cais* e *O Valongo deveria transformar-se na nossa Mesquita de Al-Aqsa (...)*, **analise** as expressões verbais em destaque e aponte o sentido de cada uma delas para a construção da conclusão do autor no texto. Em seguida, **apresente** a transitividade dos verbos "mudar-se" e "transformar-se", **justificando a sua resposta**. (0,5)

Texto 2:

O Valongo não era nada bem-visto. Ficava um tanto fora da cidade, que tinha uma costa com muitas enseadas e ilhotas repletas de trapiches e escritórios. A enorme Pedra do Sal nos separava do resto. Para chegar ao outro lado, eu tinha que dar uma volta enorme pelo morro da Conceição. Quase toda a casa aqui era também um depósito de gente... gente para a venda. As pessoas de bem fugiam deste lugar, mas para muitas eram esses negócios "sujos" que fingiam não ver que pagavam seu rapé, finos tecidos, aulas de música, livros raros e carruagens. O Cemitério dos Pretos Novos foi transferido da Santa Rita para um ponto mais bem acima da rua da hospedaria Vale Longo. Em alguns momentos tínhamos que fechar as janelas, pois o cheiro ficava opressivo. Eu só passava ali perto se não tivesse outro jeito e nunca olhava para o lado. Um religioso ficava defronte, rezando em um livro pequeno pelos que se foram. Ele sempre me chamava.

- Ei, Moça! Venha orar pelos seus! - Ele me gritava.

O muro de tijolos era baixo e eu via os dois únicos negros que se encarregavam de enterrar. Eu preferiria o açoite a este serviço! No fundo do retângulo que era a terra do cemitério, uma cerca de esteiras os separava de outra propriedade. Punha-me a pensar: "O terreno não é grande e vejo que os armazéns estão cada vez mais abarrotados. A chegada de novos tumbeiros aumenta a cada dia. Por enquanto, o Valongo não é tão povoado, a maioria das casas é de comércio e não estão coladas ao local, mas um dia estarão em cima das covas rasas".

(Fragmento extraído de: CRUZ, Eliana Alves. O Crime do Cais do Valongo. Rio de Janeiro: Malê, 2023)

A partir do trecho retirado do livro "O Crime do Cais do Valongo" e da leitura do artigo de opinião "Cais do Valongo é o útero do país", responda as questões a seguir:

a) **Identifique e explique** a metáfora existente no título do texto 1. (0,2)

b) **Explicita** como essa metáfora presente no título do artigo norteia o romance de Eliana Alves Cruz (0,2).

c) Sabendo que o romance histórico é um gênero muito cultivado na prosa romântica do século XIX e que este privilegia o diálogo entre Literatura e História, **explique** como o livro de Eliana Alves Cruz, escrito no século XXI, recuperando um passado histórico da sociedade brasileira se caracteriza como uma metaficção historiográfica. Levando em consideração as discussões feitas em sala e a sua leitura do romance, **aponte** aspectos que diferenciam o romance histórico da metaficção historiográfica. (0,4)

d) Considerando a crítica estabelecida no artigo de opinião (texto 1), **selecione** um personagem do romance “O Crime do Cais do Valongo” que exemplifique o porquê do Cais do Valongo ser, de acordo com o articulista Dodô Azevedo, “o lugar mais importante do Brasil”. **Observação: não esqueça de argumentar a favor dessa semelhança por meio de trechos e características sócio históricas do personagem escolhido.** (0,5)

Texto 3: Navio Negreiro, Tragédia no Mar (Canto V)

Senhor Deus dos desgraçados!
Dizei-me vós, Senhor Deus!
Se é loucura... se é verdade
Tanto horror perante os céus...
Ó mar! por que não apagas
Co'a esponja de tuas vagas
De teu manto este borrão?...
Astros! noite! tempestades!
Rolai das imensidades!
Varrei os mares, tufão!...

Quem são estes desgraçados,
Que não encontram em vós,
Mais que o rir calmo da turba
Que excita a fúria do algoz?
Quem são?... Se a estrela se cala,
Se a vaga à pressa resvala
Como um cúmplice fugaz,
Perante a noite confusa...
Dize-o tu, severa musa,
Musa libérrima, audaz!

São os filhos do deserto
Onde a terra esposa a luz.
Onde voa em campo aberto
A tribo dos homens nus...
São os guerreiros ousados,
Que com os tigres mosqueados
Combatem na solidão...

Homens simples, fortes, bravos...
Hoje míseros escravos
Sem ar, sem luz, sem razão...

(...)

Lá nas areias infindas,
Das palmeiras no país,
Nasceram — crianças lindas,
Viveram — moças gentis...
Passa um dia a caravana
Quando a virgem na cabana
Cisma da noite nos véus...
...Adeus! ó choça do monte!...
...Adeus! palmeiras de fonte!...
...Adeus! amores... adeus!...

(...)

Senhor Deus dos desgraçados!
Dizei-me vós, Senhor Deus!
Se eu deliro... ou se é verdade
Tanto horror perante os céus...
Ó mar, por que não apagas
Co'a esponja de tuas vagas
De teu manto este borrão?...
Astros! noite! tempestades!
Rolai das imensidades!
Varrei os mares, tufão!...

(Fragmento extraído de: ALVES, Castro. *Obra completa*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 198)

- a) **Aponte** dois elementos linguísticos presentes na poesia de Castro Alves que evidenciem as noções de memória e de lugar. (0,2)
-
-
-

- b) Há, no poema de Castro Alves, uma **oposição** entre os espaços representados e a construção da memória. **Explique** essa afirmativa. (0,5)
-
-
-